

Discórdia, conflito e separação: a maldade cismática em Dante Alighieri

André Araujo Pires Ferreira(Unb)¹

O MAL VEM DE ALGUM LUGAR?

Desde já é imprescindível deixar explícita a minha não pretensão de definir o que é o mal ou mesmo sua origem, muito pelo contrário, a discussão proposta é sobre uma das diversas facetas que possam ser vistas como tal. É também intencional a não conclusão de certos pensamentos a fim de que o leitor possa também fazer sua leitura crítica do que é apresentado e traçar por conta própria ligações entre os tópicos abordados.

O mal é objeto de repulsa tanto quanto de fascínio e dele muito se criou. O resultado de tantas interações é a criação de diferentes formas de se apresentar. Um ponto perceptível na produção desta pesquisa é a impossibilidade de delimitar algo acerca deste objeto sem que esta marcação caísse impreterivelmente em parâmetros formais definidos previamente. Em outras palavras, não existe um só tipo de mal que defina a todos.

O fascínio humano pelas raízes do mal, do que é ser mal e também pela punição que atos de maldade acarretam, é algo que data de antes do início da Era Comum. Por toda a história escrita da humanidade é possível encontrar relatos, estórias, produções e outros materiais que evocam esta faceta do ser social e, também através da passagem oral de conhecimento, se tem relatos de atos de maldade desde mitos criados para a explicação de atitudes com intenção maldosa a extensivos estudos sobre a capacidade humana em fazer o mal.

Definir o que é o mal é uma tarefa impossível, uma vez que esta é também influenciada pelas visões sociais, religiosas, mitológicas, políticas, além de vivências e experiências individuais. Ao tentar limitar o conceito por trás do mal, na verdade estar-se-ia circunscrevendo uma possível versão, mas nunca compreendendo o todo. Na tentativa de debruçar-se sobre o mal, incontáveis obras foram produzidas levando algumas mais extensas e outras menos. Experiências estas que produziram um incontável número de explicações para o que é o mal e de onde este surge, assim como definições que abarcam faces diferentes do que o mal pode ser. Similar ao feito por Dante quando este descreve o sétimo círculo do inferno e o subdivide em dez compartimentos, todos relativos à violência, porém, descrevendo-a em diferentes naturezas.

¹ Graduado em Letras Inglês e Respectiva Literatura (UnB); Mestre em Literatura (UnB)

Leonidas Donskis e Zygmunt Bauman, em *Cegueira Moral*, determinam um possível olhar para a maldade a partir da insensibilidade humana ao sofrimento alheio. Segundo os autores,

empregamos o conceito de ‘insensibilidade moral’ para denotar um tipo de comportamento empedernido, desumano e implacável, ou apenas uma postura imperturbável e indiferente, assumida e manifestada em relação aos problemas e atribulações de outras pessoas (BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. 2021, p. 14).

Em outras palavras, o mal, nesta ótica, se caracteriza pela incapacidade humana de sentir pela dor alheia, é olhar para o sofrimento e ignorar sua existência. Ao refletir sobre a pessoalidade e parcialidade trazida nos julgamentos aplicados por Dante àqueles que jazem eternamente nos círculos infernais sendo punidos, é possível depreender que a consideração feita pelo poeta é, em si, um sistema de morais próprio. Nas palavras de Friedrich Nietzsche “uma espécie de tirania contra a "natureza" e também contra a "razão", isto é, no entanto, nenhuma objeção, a menos que se deva novamente decretar por algum sistema de moral, que todos os tipos de tirania e irracionalidade são ilegais”²(NIETZSCHE, 1886. tradução própria).

Tomando-se a obra dantesca como uma das expressões do que é fora considerado o mal no período medieval no território Italiano, é possível observar se haveria mudança quanto à condenação proposta pelo autor se o parâmetro utilizado para a condenação fosse o presente neste trabalho. Uma vez que este é um assunto amplamente explorado e que continuamente gera curiosidade ao longo dos séculos, é interessante que com a constante mudança das sociedades que também seja contínua a pesquisa sobre este fator tão presente nas sociedades humanas. O mal, que muito é discutido, pode ser posto em três grandes definições, Laís Alves em *O Mal em Fronteira* (1935), de Cornélio Penna:

É possível distinguir três tipos gerais de compreensão sobre o Mal: o *mal teológico*, de origem sobrenatural, personificado na figura do demônio e de outros seres inerentemente maléficos; o *mal natural*, que não sofre interferência de uma força inteligente ou é resultado de negligência, mas é uma consequência de acidentes e desastres da natureza; e o *mal moral*, cometido por seres munidos de inteligência e imputabilidade (cf. FRANÇA; SANTOS, 2018).

O último, sendo vivenciado diuturnamente seja na pele ou através de telas, seja por ouvir a experiência de outrem ou mesmo caso você é quem comete o ato maldoso. O mal moral

² sort of tyranny against ‘nature’ and also against ‘reason’, that is, however, no objection, unless one should again decree by some system of morals, that all kinds of tyranny and unreasonableness are unlawful. (NIETZSCHE, 1886)

definido por Alves (2018) é, dentre as três possibilidades abordados, o mal discutido por Dante no primeiro terço da (*Divina*) *Comédia* - o *Inferno*.

É no ser humano, falho e em constante desenvolvimento, que este traço é tão visível e palpável. Quando no Canto V o autor florentino trata dos luxuriosos,

Ora dolentes notas é o que eclode / em meus ouvidos; ora estou, contudo, / lá onde muito pranto me sacode. / Vim ao lugar de todo lume mudo, que rumora qual mar em temporal, / se é combatido pelo vento rudo; / e sem dar trégua a tormenta infernal / leva os espíritos com sua rapina, / girando e os percutindo em espiral. / Quando chegam diante da ruína / ali os gritos, o pranto, o lamento; / ali blasfemam a glória divina. / Compreendi que esse akti sifronebti / era infligido aos danados carnaís, / que sua razão sujeitam ao talento. / E como os estorninhos invernais / se juntam numa faixa larga e plena, / assim o sopro essas almas rivais / por cá, por lá, em cima e embaixo ordena; / ai esperança alguma nunca vai, / não de repouso, mas de menor pena. / E como os grous cantando vão seu lai, / fazendo fila pra que o bando siga, / assim eu vi chegar, lançando guai, / sombras idas ao vento que fustiga; / por isso eu disse: “Mestre, quem são elas, / essas que a aura negra assaz castiga?”. / “A primeira de quem saber anelas / notícias”, disse então aquele guia, / “imeprou sobre muitas cidadelas. / Em vício de luxúria se perdia, / fez lícito o prazer nas leis civis, / pra se livrar da repreensão que ouvia. / Ao que se lê, ela é Semiramis, / que sucedeu a Nino e foi sua esposa, / lá onde hoje o Sultão tem o seu país. / A outra se matou toda amorosa, rompendo a fé às cinzas de Siqueu; / depois, Cleópatra luxuriosa. / Helena vê, por quem nato se deu / mau tempo, e o grande Aquiles vê também, / que contra amor por fim acometeu. / Vê Páris, vê Tristão”; e mais de cem / mostrou-me, tendo os nomes me indicado / das sombras que amor manda para o além. / Depois de meu doutor ter escutado / citar damas e heróis do tempo antigo, / tomou-me a piedade e, angustiado, / assim eu comecei: “poeta”, digo, / “gostava de falar aos dois que vão / ao vento assim tão leves por castigo”. (BRITO, DIAS, HEISE – p. 97 e 99– 2021, SP)

ou no Canto VII refere-se aos avaros e pródigos,

Então descemos para a quarta vala, / seguindo mais pela dolente trilha / que o mal inteiro do universo embala. / Ah, justiça de Deus, quem é que empilha / tantas novas torturas como eu vi? / Por que essa culpa tanto nos humilha? / Como em Caríbdis, quando a onda ali / se frange em outra violentamente, / também a turba se entrechocar aqui. / Mais que aqui nunca vi tamanha gente, / de ponta a ponta, a prorromper em ânsia, / rolando grandes pesos pela frente. / Chocavam-se entre si naquela estância, / depois, voltandoem meio à confusão, / gritavam: “é desperdício!” e “é ganância!”. / Assim giravam pela escuridão / de ambas as partes ao oposto lado, / gritando sem parar seu vil refrão; / após, cada um ao fim tendo chegado / tornava em semicírculo ao torneio. / E, com o coração quase cravado, / eu disse: “Mestre, solve meu anseio: /

que gente é esta, todos são do clero? / À esquerda, há tonsurados de permeio”. / E ele me disse: “Todos, não exagero, / foram cegos da mente na outra vida, / que o gasto moderado lá foi zero. / Se torna muito clara a voz latida / quando chegam aos dois pontos da arena, / que é por culpa contrária dividida. / Foram todos do clero, o que depena a / cabeça, como papas, cardeais, / em quem dura avareza é mais que plena”. / E eu: “Mestre, eu devia entre estes tais / reconhecer alguns, neste momento, / que nesses males foram imorais”. / Fez ele a mim: “É vão teu pensamento: / sua insensatez gerou sujeira densa, / não mais se dão ao reconhecimento. / Eternamente irão dupla ofensa: / estes ressurgirão de seu sepulcro / com mão cerrada, aqueles, na carência. / Mal dar e mal guardar do mundo pulcro / os retirou e os pôs cá nesta luta: / qual ela seja, fala não apulcro. / Já podes ver, meu filho, a diminuta / messe dos bens fiados à Fortuna, / os quais a humana gente lá disputa; / pois mesmo amontoado com oem duna / todo o ouro passado e de nossa era / às almas deixaria inda lacuna”. (BRITO, DIAS, HEISE – p. 117, 119 e 121 – 2021, SP)

o mal apresentado é condenável socialmente. São exemplos de atos que se configuram e são julgados como maus por parâmetros definidos por quem descreve e não de forma irrestrita a todas as possíveis comunidades. Muito pelo contrário, estes são atos que a partir de mudanças territoriais e cronológicas podem passar a serem vistos como neutros ou até virtudes. Seria então possível dizer que o mesmo ocorre para quaisquer atos? Poderia então todo e qualquer ato dado como mal ser relativizado a ponto de inverter a lógica?

Para além do conceito escolhido, também serviram como base para a pesquisa as discussões apresentadas sobre o tema por Georges Bataille em *A Literatura e o Mal* e Ronald Paulson em *Sin and Evil Moral Values in Literature*. Este último, traz logo na abertura de sua obra uma definição sobre a palavra mal a fim de introduzir o que é trabalhado na completude do trabalho: a diferenciação entre o mal e o pecado. Paulson diz,

O mal é um termo de particular comoção em seu tempo. O flagrante (ou indiscutível) mal do século XX ter sido seguido pelo mal mais subjetivo do século XXI, mais dependente do ponto de vista de alguém e, significativamente, da distinção entre o pecado e o mal. (PAULSON, 2007)

Já Bataille traz para seu leitor a discussão sobre quão próxima é a morte da finalidade da maldade. É possível, como explicitado pelo autor, entender que nem sempre a morte é o fim desejado para um ato, por vezes este é influenciado por motivos outros e até por uma reação momentânea. A morte como próxima à maldade tal qual a vida da bondade, não formam binômios com pares de antônimo e sinônimo, uma vez que nem tudo que legalmente pode-se considerar maldade, de fato o é.

O mal, nessa coincidência de contrários, não é mais o princípio oposto de uma maneira irremediável à ordem natural que ele é nos limites da razão. A morte sendo a condição da vida, o Mal, que está ligado em sua essência à morte, é também, de uma maneira ambígua, um fundamento do ser. (BATAILLE, 1957)

Sendo assim, então, o mal um complexo que é e não é ao mesmo tempo. A existência do mal é, por definição, dependente de um ser que, a partir de julgamentos próprios e referentes à sua comunidade de pertencimento, define a sua existência. Esta fala de Bataille aproxima um novo fator ao pensamento do que é o mal, que seria a morte. Se utilizássemos a morte como finalidade de um ato referido como mal, estaríamos então possivelmente decidindo que parte dos que foram enviados ao inferno nas linhas dantescas foram não por atos de maldade, mas por atos condenáveis e estaríamos criando a noção de que não só de atos maus é composto o reino do submundo.

A partir desta lógica, depreendo que Bataille estaria momentaneamente delimitando atos maus só somente aos que trouxessem por finalidade a morte de si ou de outrem. Se este fosse o pensamento tido como aceito neste caso, então crio aqui um primeiro parâmetro que seria de que o mal não necessariamente leva à morte física do praticante ou de quem o sofre, porém, reflete no bem-estar dos envolvidos neste diagrama.

Na divisão proposta por Dante para o reino de Lúcifer, o círculo da violência é composto por ações a corpos físicos (como de homicidas e suicidas), mas também a sofrimentos não físicos tal qual evidenciado no último nível do sétimo círculo pela presença de blasfemos, sodomitas e usurários. Leonidas Donskis, ainda em *Cegueira Moral*, disserta sobre o estado do mal pela modernidade líquida, um suposto “mal líquido” que

contrariamente ao que poderíamos chamar de ‘mal sólido’ – este último tendo por base uma perspectiva social do tipo preto no branco, na qual podemos facilmente identificar a resiliência do mal em nossa realidade política e social –, assume a aparência de bondade e amor. Mas que isso, ele se apresenta como uma aceleração da vida aparentemente neutra e imparcial – a inédita velocidade da vida e da transformação social implicando perda de memória e amnésia moral; além disso, o mal líquido avança disfarçado de ausência e impossibilidade de alternativas. O cidadão torna-se consumidor e a neutralidade de valores oculta a desmobilização. (p. 13 – DONSKIS, 2019)

Em outras palavras, o mal de Donskis está volátil em relação não só às configurações ideológicas e culturais do ser, mas também ao momento em que acontece. Isso dá abertura para que o praticante possa, à revelia, criar justificativas que mudem o seu ato de algo mal para algo

bom. Porém, essa autodeterminação do mal não condiz necessariamente com o que é visto de fora, como numa zona de guerra em que “a destruição da vida de um estranho, sem haver a menor dúvida de que se cumpre o dever e de que se é uma pessoa moral, essa é a nova forma do mal, o formato invisível da maldade na modernidade líquida”(p. 17 – DONSKIS, 2021).

O QUE É DITO SOBRE A MALDADE

O mal e a maldade vêm sendo estudados desde muito tempo. Atos que demonstram a capacidade humana para tal são encontrados em inúmeros relatos, o que diferencia, eu diria, é a forma como quem lê os interpreta. Seria a maldade algo visto de forma universal? Creio que não. Os valores éticos e morais como construção sociocultural de uma pessoa influenciam diretamente em o que é visto como maldade. Isto pode ser notado ao prestar-se atenção à diferença de narrativa sobre o mesmo fato pelo olhar do vencedor e do perdedor. Em *A Cegueira Moral*, Donskis exemplifica este ponto de vista

Como aprendemos com 1984, de George Orwell, a história depende apenas daqueles que controlam os arquivos e registros. Uma vez que os indivíduos não tem outra forma de existência a não ser a que lhes é oferecida pelo partido, a memória individual não tem poder de criar ou restaurar a história. (p.40 – Donskis)

Como já mencionado, a coluna espinhal a ser utilizada como parâmetro para estudo é a obra *A Cegueira Moral* de Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis. Nesta obra ocorre um diálogo entre os autores sobre diversos pontos, entre eles a maldade.

Donskis ao dizer que “a moderna imaginação moral constrói um fenômeno que eu chamaria de geografia do mal” (DONSKIS, p.16) se refere à capacidade da contemporaneidade de criar cercas ao redor de definições. Cercas estas que pertencem a grupos e não indivíduos, portanto, é um território que não se limita às fronteiras de mapas geográficos encontrados em livros escolares.

“A geografia simbólica do mal não para nas fronteiras dos sistemas políticos, mas penetra nas mentalidades, culturas e espíritos nacionais, padrões de pensamento e tendências de consciência” (DONSKIS, p.16). Entende-se então que mesmo que em diferentes partes do globo – pessoas que pertencem a um mesmo grupo de características adquiridas socialmente podem compartilhar também a mesma ótica sobre o julgar de uma atitude. Donskis então complementa que:

O mal não está confinado às guerras ou às ideologias totalitárias. Hoje se revela com mais frequência quando deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa, quando nos recusamos a compreender os outros, quando somos insensíveis e evitamos o olhar ético silencioso. Ele também habita os serviços secretos, quando estes, motivados pelo amor à pátria ou pelo senso de dever (cujas profundidade e autenticidade não seriam questionadas por intelectuais especializados na ética de Immanuel Kant, nem pelo próprio Kant), destroem inflexivelmente a vida de um homem ou de uma mulher comum apenas porque talvez não houvesse outro jeito, ou por estar no lugar errado no momento errado, ou porque o serviço secreto de outra nação lhes pediu um favor, ou porque alguém precisava provar sua lealdade e dedicação ao sistema, ou seja, ao Estado e às suas estruturas de controle. (p. 17 – Donskis, 2021)

Cada vez mais cenas de conflitos armados são disseminadas por câmeras ao redor do mundo e, conforme nos acostumamos com isso, menos assistimos às elas como algo chocante. Nesta categoria, destaco que não cito casos ficcionais e sim cenas reais. No dia a dia das cidades grandes é comum que os transeuntes se deparem com pessoas em situação de rua e não tenham reações à maldade apresentada, assim como as diversas pessoas que estão em semáforos seja pedindo doações ou distribuindo produtos a valores irrisórios na tentativa de arrecadar renda para a família. “O mal não é mais óbvio e autoevidente” (p. 15 – Donskis, 2019).

Desenvolvendo a análise do que é parte do mal, seja a curto ou longo prazo, é interessante trazer a voz de Bauman novamente quando o mesmo coloca que “os pontos de referência e as linhas de orientação que hoje parecem confiáveis amanhã serão identificados como equivocados ou corruptos” (p.54). Ou seja, é possível sim colocar em dúvida quaisquer que tenham sido os julgamentos quanto à maldade de um ato uma vez que este é transposto em um novo paradigma, uma nova sociedade posto que a fluidez de seu conceito pode mudar no decorrer dos anos.

Gradualmente foi-me revelado que a linha que separa o bem e o mal não passa por estados, nem por classes ou partidos políticos — porém, bem pelo meio do coração humano — e por todos os corações humanos. Essa linha se move. Dentro de nós, ela oscila com os anos. E mesmo dentro do coração daqueles esgotados pelo medo, ali permanece... um pedacinho do mal que não foi arrancado pela raiz. Desde então, pude compreender a verdade de todas as religiões do mundo: elas lutam com o mal dentro do ser humano (dentro de cada ser humano). É impossível expulsar o mal do mundo em sua totalidade, mas é possível restringi-lo dentro de cada pessoa. (Solzhenitsyn, A.I., 1975, p.615)

Solzhenitsyn faz assim com que seja possível entender que a tradução do mal é pessoal e intransferível na maioria das ocorrências. É fácil pensar que o mal poderia ser uma questão universal, porém não o é. Para além de um conceito que é provavelmente impossível de se desvendar quando começou, as suas formas são tantas e diversas, são faces incontáveis e que surgem conforme o mundo caminha. Existem hoje vertentes da maldade que não existiam 50 anos atrás, quanto mais 700 quando a *(Divina) Comédia* foi desenvolvida.

OS CISMÁTICOS E SEUS FEITOS

Presentes no Canto XXVIII estão aqueles que, segundo Dante, foram responsáveis por cismas e divisões, alguns dentre eles poderiam também ter seus pecados descritos como aqueles que usaram de suas influências, conexões sociais e posição política para cometer fraudes, instigar divisões e promover rixas entre grupos. O castigo dado a estes consistia em lacerações diretamente no corpo, em especial nas partes que eram utilizadas para cometer o ato pelo qual haviam sido condenados. Depois que sofriam os cortes, eles deviam caminhar em torno do círculo enquanto suas feridas eram cicatrizadas e então retornar para o demônio que novamente os ataca e o ciclo se mantém eternamente.

Profeta Maomé + Ali + Fra Dolcino (tercetos 22 a 63)

Fundador da religião islâmica, Maomé nasceu na cidade de Meca. Local este que é hoje considerado sagrado entre os seguidores do islã. Órfão ainda muito jovem, foi criado junto a familiares. Em dado momento da sua vida, Mohammed é visitado pelo Arcanjo Gabriel e este o informa de que ele é um profeta de Deus. Imbuído de sua responsabilidade, Maomé inicia suas pregações sobre tudo que mais tarde seria posto no Corão (livro sagrado da religião islâmica). É a partir do seu exílio em Medina que o império e a religião islâmica se estabelecem. Inclusive, este fato é utilizado para marcar o início do calendário islâmico. Outra figura que encontramos neste grupo de tercetos é Ali, primo e futuramente genro de Maomé. Este junto à esposa do profeta são os primeiros a segui-lo.

Mohammed, ou Mafoma como traduzido para o português na edição escolhida para este trabalho, ser posto como cismático é uma colocação dúbia perante um olhar anacrônico, uma vez que o contexto político e religioso da época em que a obra foi escrita muito difere da

situação na contemporaneidade. Durante o Medievo é importante lembrar que o Islã era visto como uma heresia do Cristianismo e não como uma religião por si só. Desta maneira, Dante prontamente dispõe de colocar o profeta como pertencente ao grupo dos cismáticos. Pensar este que difere de como o mesmo autor julgou os virtuosos pagãos que agiram antes da vinda do Cristo, colocando-os no limbo. Ambos Ali e Maomé são partidos ao meio como forma de punição, de certo a mostrar como Dante sentia que a criação do Islã era: partir ao meio a própria Igreja.

Neste grupo de tercetos também encontramos Fra Dolcino, um reformador que não teve êxito ao tentar pregar a ideia de que a Igreja deveria mudar de forma a retornar à discricção do tempo dos Apóstolos. Sua seita era então nomeada de *Irmãos Apostólicos*. No pensamento do Frade, todos deveriam retomar suas vidas tal qual o era no tempo antigo, sendo assim que não mais existissem ou fossem seguidos os dogmas, as celebrações e até os sacramentos estabelecidos após a morte do Cristo como, por exemplo, o uso da cruz como símbolo religioso.

Pier de Medicina (tercetos 64 a 90)

Talvez dos escolhidos por Dante este é o que menos informações se tem a respeito. Muito do que se sabe, para além do apontado pelo autor em suas linhas, é por extrapolação pelo que se tem na Comédia. Pelo pouco que se sabe sobre Pier de Medicina, pode-se dizer que provavelmente este fora responsável por inflamar discussões e a discórdia entre famílias, como os Malatesta e os Polenta. Fato este que resultou em sua violenta morte pelas mãos de Malatestino I Malatesta.

Curio (tercetos 91 a 102)

Caius Cribonius Curio foi responsável pelo estopim de uma guerra civil acontecida em Roma, pouco após o ano 50 a.E.C. Curio era ordenado como tribuno sob Pompeu, que se aproveitou da ausência de Júlio César durante a invasão à Gália para declarar-se Cônsul Romano. Pompeu havia posto um impedimento para o retorno de Júlio César, porém Curio consegue convencer César a dirigir-se em direção a Roma, o que culmina no início da guerra civil romana. A punição recebida por Caius foi ter sua língua cortada, representando seu aconselhamento
propositadamente
falso.

Mosca dei Lamberti (tercetos 103 a 111)

Sendo Dante um representante do partido dos guelfos, o nobre Mosca dei Lamberti não poderia faltar entre os instigadores de conflitos. Mosca foi um nobre da comuna florentina e responsável pela disputa entre guelfos e gibelinos. Dentre as famílias mais proeminentes nesta disputa existiam os Amadei e os Donati, famílias que estavam no centro do conflito político local. Esta disputa por poder entre os partidários do papado e os partidários do imperador Germânico que traria luz ao ideário do Sacro Império Romano-Germânico se deu início com a morte de Buondelmonte dei Buondelmonti. Este fora morto por um dos Amadei, devido à traição que cometera contra os Amadei. Buondelmonte estava prometido a uma moça Amadei, mas casou-se com uma dos Donati. A disputa política resultante dos atos de Mosca culmina futuramente no exílio de Dante. Até por isso é entendível a punição escolhida ter sido ter ambos os braços arrancados.

Bertran de Born (tercetos 112 a 142)

O Rei Henrique II da Inglaterra e seu filho, Henrique, caíram em desavenças. É dito que o conflito foi inflamado pelo famoso poeta francês Bertran de Born. Por conta do seu ato, de Born tem sua cabeça separada do corpo representando a intriga formada e desenvolvida.

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Tradução: José Pedro Xavier Pinheiro. Ed. Ciranda Cultural. 2020
- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Tradução: José Pedro Xavier Pinheiro. Ed. ebooks Brasil. 2003.
- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Tradução: Ítalo Eugenio Mauro. Ed. 34, 1998.
- ALVES, Laís. **O mal em Fronteira (1935), de Cornélio Pena** In **Sobre o medo: O mal na literatura brasileira do século XX**. Org. FRANÇA, Júlio; SENA, Marina. HUGIN MUNIN, - São Paulo – 2020.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** Argos. 2009
- ARENDT, Hanna. **A condição humana**. Forense Universitária. 2007.
- BATAILLE, Georges. **A literatura e o Mal**. Tradução: Fernando Scheibe. 1ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BAUMAN, Z. & DONKIS, L. **Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- CANTO XXVIII. [S. l.], 1996. Disponível em: <http://www.worldofdante.org/>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- DANTE Alighieri. [S. l.], 25 maio 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/dante_alighieri/. Acesso em: 16 mar. 2023.
- DANTE Alighieri, en el pensamiento de Antonio Gómez Robledo – El Colegio Nacional (México) – Sobre la vida y la obra de Dante Alighieri. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4MrCaWNGSLR8fkmdpLXyGI?si=1bc6e36f157a44f2>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- DANTE Alighieri: La Divina Commedia – Episódio: Inferno XXVIII. [Compositor e intérprete]: Lorenzo Pieri. Ledor: Lorenzo Pieri. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5M5QeQESTwpppg6NU2u2kG?si=4591918e97cc40db>. Acesso em: 27 mar. 2023.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Editora Vozes. 2015.
- HARVARD Classics – Rich E Book – **Introductory Note: Dante Alighieri**. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0R70SgZatc2Uo1Bd5zym6u?si=aHkTEHfFQqya0CjKE-pDwQ>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- HISTORY of Philosophy Without Any Gaps – **HoP 268 – To Hell and Back** – Dante Alighieri. [Compositor e intérprete]: Peter Adamson. Ledor: Peter Adamson. [S. l.: s. n.], 2017.

Disponível em:
<https://open.spotify.com/episode/2bgrOw1BcaarJDeYZDPil4?si=j4eY6F0EQv2qu8QQCyfX>
 dg. Acesso em: 21 fev. 2023.

HOUAISS. [S. l.], [20--]. Disponível em: <http://www.houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 16 mar. 2023.

ITALIAN Podcast italiano facile Quattro Stagioni com Laura – Podart – Episódio: QS 41 – **Dantedì, il giorno di Dante Alighieri** (25.3.2021). [Compositor e intérprete]: Alessandra Pasqui. Ledor: Alessandra Pasqui. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6MW96cNQeUTXaFZZHgfaPl?si=m6GUAvRtQT6yuWW3kea-Tw>. Acesso em: 15 fev. 2023.

MALEBOLGE (Cantos XVIII - XXX). [S. l.], [ca. 2015]. Disponível em: <https://ahc.leeds.ac.uk/discover-dante/doc/inferno/page/5#:~:text=In%20this%20circle%20are%20punished,as%20'evil%20Ds%20acks>. Acesso em: 16 abr. 2023.

NIETZSCHE, Friedrich. **Beyond Good and Evil**. Tradução: Helen Zimmern. Penguin Classics. Reissue Edition – 2003.

NUSSBAUM, Martha C. **The Fragility of Goodness: Luck and Ethics in Greek Tragedy and Philosophy.** Cambridge University Press, Cambridge – 2001.

SINGLETON, C.S. (2019). **Dante's Commedia: Elements of Structure**. Baltimore: Johns Hopkins University Press., doi:10.1353/book.69085.

SLOTEDIJK, Peter. **Esferas I – Bolhas**. Tradução: José Oscar de Almeida Marques. Estação Liberdade.

SOLZHENITSYN, A.I. **The Gulag Archipelago 1918–1956: An experiment in literary investigation (Vol. 2).** (T.P. Whitney, Trans.). New York: Harper & Row. 1975, New York.